

Creixomil

CREIXOMIL, orago Santiago, era abadia da apresentação da Casa de Bragança.

Creixomil é derivado do genitivo do nome próprio gótico *Creixemiro* ou *Greixemiro*.

Esta freguesia vem nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 com a designação: «De Sancto Jacobo de Creiximir», de Terra de Nevia.

Nelas se diz que o rei não tem aqui reguengo algum; que «in Calveli (hoje Calvelhe) est una quintana, unde dant Regi 2 morabitanos de renda»... «Et de uno casali de Balneo médium morabitanum. Et de quandam hereditate de Covas» . . . Et omnes isti vadunt ad castellum».

Que o rei não é padroeiro desta igreja, que esta tem sesmarias e quebradas, Várzea, 3 casais, Tibães, 3 casais, Banho, 2 casais, Freiria de Évora, 4 casais e a quarta parte desta igreja, Hospital, 2 casais, Vairão, casal e meio e Adaufe, 1 casal.

Nas Inquirições de D. Afonso III de 1258, 1.^a Alçada, se diz: *In Judicato de Nevia, in parrochia Sancti Jacobi de Creiximir* que el Rey non est padrom desta ecclesia. Item, de Creiximir, do rio aquém, tod omem casado que y morar ou molier viuva que fezerem searas de cebolas am a dar ai Rey segnas restes de cebolas, et recebe as o Mayordomo de Barcelos.

Item de Calvili dam ai Rey cada ano 2 maravedis de renda et segnas restes de cebolas; et estas cebolas dam aos Mayordomos de Barcelos e os 2 maravedis dam ao Mayordomo de Nevia; et pectarem 4 caomias se as fezerem, scilícet, merda in buca, furto, et rouzo et homizio.

Et vam ao castello. *Item*, das Covas dam ai Rey 1 soldo de renda, et respondem a 4 calumpnias, et vadunt ad castellum.

A *Igreja Paroquial* desta freguesia esteve um pouco mais ao poente da actual, no sítio, dizem, onde é a eira da casa que foi do Vale Lima. Devia ter sido mudada para o sítio onde está, talvez no século XVIII.

É esta um templo amplo e espaçoso, cercado de adro com uma única entrada ao lado norte. A sua frontaria virada ao poente está abafada por umas casas particulares das quais o separa apenas alguns metros de adro.

Por cima da porta principal, estilo renascença, abre--se uma pequena rosácea e ao lado esquerdo da fachada ergue-se uma possante torre para os sinos, tendo esta na verga da sua porta de entrada a data 1807.

Atrás da torre, junto à capela-mor, foram construídas as sacristias: em uma vê-se um cofre forte metido na parede e em outra um lavabo de pedra.

Dentro, a capela-mor é forrada a estuque, tendo ao centro a imagem em gesso do padroeiro Santiago, sendo o altar em talha antiga dourada.

Tem esta capela do lado do evangelho na parede a seguinte inscrição: «ESTA EGREJA FOI RESTAURADA EM 1910 A 1911 POR INICIATIVA E A EXPENSAS DO REVERENDO ABBADE ANTÓNIO GOMES DA COSTA E DUMA COMISSÃO DE BENEMÉRITOS » e do lado da epístola esta outra: «HAEC EST DOMUS DEI, DOMUS MEA, DOMUS ORATIONIS VOCABI-TUR DICIT DOMINUS: IN EA OMNIS QUI PETIT

ACCIPIT, QUI QUAESIT INVENIT ET PULSANTI APERIETUR LAUDATE DOMINUM IN AULA SANCTA EJUS».

O corpo da igreja é também forrado a estuque ornamentado com florões, tendo metidos nas paredes quatro altares, dois de cada lado.

Tem púlpito de madeira (em cujas guardas estão esculpidos os dizeres: FIDES EX AVDITV AVDITVS AVTEM PER VERBVM CHRISTI), duas portas travessas, coro e pia baptismal antiga.

O *Cruzeiro Paroquial* ergue-se ao norte da matriz, em um pequeno largo que fica ao lado esquerdo da estrada que vai para o lugar do Outeiro.

É de construção simples, tendo na base, que parece mais antiga que o resto, a data 1775.

Tem esta freguesia as seguintes capelas:

A *Capela de Calvelhe*, no lugar do mesmo nome, orago Senhora da Lapa, é particular e pertence ao Snr. Félix Joaquim Rodrigues.

Capela da Senhora do Rosário, no lugar do Carvalhal, que dizem ser fundada por uns brasileiros no século XVIII, reformada em 1928 por alguns devotos, é pública.

Está esta capela no centro de um adro com uma única entrada e seu fojo.

Na sua frontaria baixa abre-se a porta principal, estilo renascença, e por cima uma pequena janela rectangular. Ao lado esquerdo ergue-se um torreãozinho para dois sinos, tendo por cima da sua porta uma pedra com a seguinte inscrição: «D. 17. — M. 8 — A. 1873».

Dentro, a capela-mor, tendo ao seu lado esquerdo uma proporcional sacristia, é forrada a estuque vendo-se no centro pintada a imagem da padroeira N. Senhora do Rosário.

O seu altar é moderno, tendo por cima da tribuna gravados em madeira os seguintes dizeres: «RESTAURAÇÃO 1926 A 1928».

O corpo da igreja, forrado a madeira pintada com dourados, tem dois altares laterais e do lado esquerdo, metido na parede, um nicho com a imagem do Senhor da Cana Verde. O sanefão que cobre o arco cruzeiro contém a data —1870. Tem este templo coro e púlpito com guardas de ferro.

O seu Cruzeiro demora perto, ao sul, não tendo data nem inscrição.

Ainda mais ao sul, ficando muito distante da matriz, está o *Cemitério Paroquial* que tem sobre o seu portão a data 1909.

Existem nesta freguesia as seguintes *Alminhas*: as do Cruzeiro, as de Cergude e as do Ribeiro.

Creixomil está situada em planície, na bacia orográfica do Cávado, parte ainda nas fraldas do monte da Serra, que fica ao norte.

É fertilizada pelo ribeiro da Anta ou da Ventosa, que nasce na freguesia de Vilar do Monte e vai desaguar ao Cávado.

Tem as seguintes fontes públicas: a de Calvelhe, a de Fonte Boa, a do Maneio, a do Salgueiral, a do Cidral, a do Souto de Água, a da Levada, a da Devesa de Cergude e a da Igreja.

É servida pela estrada municipal que da nacional n.º 29 de Esposende a Braga se bifurca nos Manteiros, indo um ramal pela igreja até ao lugar do Outeiro e outro até à capela do Rosário.

Confronta esta freguesia pelo norte com a de Vilar do Monte, pelo nascente com a de São Pedro de Vila Frescainha e a de Mariz, pelo sul com a de Perelhal e pelo poente com a de Vila Cova.

A sua população no século XVI era de 42 moradores; no século XVII era de 80 vizinhos; no século XVIII era de 80 fogos; no século XIX era de 390 habitantes e actualmente é de 492 habitantes, sendo 231 varões e 261 fêmeas, sabendo ler 145 homens e 39 mulheres, havendo 308 analfabetos.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Reguengo, Lata, Ventosa, Olheiro, Ribeiro, Carvalhal, Aldeia, Outeiro, Cruzeiro, Calvelhe e Campelos.

As casas mais importantes são: a dos Manteiros, a do Enes, a da Laranjeira, a de Valentim Ferreira, a do Sousa, a do Martim, a do Vale, a do Mendes, a das Eiras e a de Calvelhe.

Tem Escola Oficial mista com um lugar, que funciona em casa própria.

Não tem estabelecimento comercial algum, nem Caixa do Correio; o povo desta freguesia serve-se da Caixa Postal de Perelhal.

Creixomil é terra da boa laranja, de grande nomeada.

Existiu aqui, em uma bouça, no sítio das Campas, uma sepultura conhecida pela *Campa do Frade*.

As pedras que a cobriam foram retiradas daquela bouça e recolhidas no Museu Arqueológico Municipal das Torres, em Barcelos, e no seu lugar o Snr. José António de Sousa, dono da propriedade, mandou colocar outras para não se perder a memória daquele antiquíssimo monumento.

Ao lado do portal da casa dos Manteiros, junto à estrada que vai para a igreja, está uma cruz de pedra, simples, como as da via-sacra, e do outro lado de um caminho, encostada a uma parede, uma pedra sobre o comprido e arredondada em uma extremidade, tendo nessa parte gravada uma cruz.

Informaram-me que essa pedra fora maior e que tinha sido cortada não havia ainda muito tempo.

Assemelha-se a marco de freguesia ou de propriedade pertencente a alguma Ordem religiosa militar.

Perguntando o que significavam aquelas cruzeiras disse-nos que estavam ali para comemorar a morte de um *frade*.

É costume no sítio onde se dá a morte violenta de uma pessoa colocar-se uma Cruz.

Ora, pelo menos a primeira cruz não quererá indicar o sítio do encontro de Rui Ferreira com o seu antagonista abade de Creixomil, transformando-se o *frade* da tradição oral no *padre* do conto?

O abade de Creixomil, fidalgo e possante, como diz Camilo, sabendo que era procurado por Rui Ferreira, não viria até aqui de espada em punho travar o duelo do qual resultou a sua morte?

Tudo pode ser.

Felgueiras Gayo, no seu «Nobiliário», existente no cartório da Santa Casa da Misericórdia de Barcelos, conta o caso que se deu entre aquele Rui Ferreira e o abade de Creixomil, e Camilo Castelo Branco nas «Noites de Insónia», no capítulo com o título «Voltas do Mundo», romantiza-o.

Aires Ferreira, que viveu no tempo de D. João III, descendente da casa de Cavaleiros e senhor da casa de Argemil, na próxima freguesia de Mariz, tinha três filhos varões.

Todos eles foram para a Índia praticar proezas, «crimes, façanhas que os Coutos e Barros chamaram proezas», como diz este escritor.

Um dia, o primogénito Rui Ferreira de Mendonça recebeu uma carta do pai em que este, queixando-se do abandono em que o tinham deixado os filhos, narrava

que o abade de Creixomil o afrontara e ousara pôr-lhe as mãos nas barbas.

O filho, dementado com a leitura desta carta, foi pedir licença ao vice-rei para vir ao reino desafrontar seu pai, mas esta fora-lhe denegada.

Não desistiu porém e começou a negociar clandestinamente passagem.

Sabendo disso o vice-rei mandou-o prender até que as naus levantassem âncora.

Os navios saíram a barra, demorando-se porém algum tempo fora à espera de monção.

Rui Ferreira foi solto, correu à praia e, vendo as naus paradas, arrojou-se à água e nadou até elas.

Avistado, o capitão, que lhe quisera dar passagem oculta, mandou uma lancha e recolheu-o a bordo.

Tinha bracejado 4 horas e cortado duas léguas de mar!

De Lisboa veio a Creixomil e bateu à porta do abade, enviando-lhe o seu nome.

O abade desceu ao terreiro empunhando a espada de cavaleiro, seguindo-se o duelo.

Dentro em pouco este caiu trespassado pela espada do experimentado guerreiro da índia, ouvindo ainda as vozes abafadas de ódio:

— «Perro! não pozesses as mãos nas barbas de um velho !»

Limpa a espada, foi Rui Ferreira a Argemil beijar as mãos de seu pai e partiu de novo para a índia.

«E lá foi ceifar novos loiros ...»

Não sabemos quem tinha razão na causa deste conflito: se o abade, se o morgado.

Os contemporâneos deram porém razão a este e aplaudiram o feito do filho.

Morto Aires Ferreira, voltou ao reino o primogénito a impossar-se da sua importante casa e ninguém lhe to-

mou contas do acto que tinha praticado contra o abade de Creixomil.

José Augusto Vieira, no «Minho Pitoresco», informa que nesta freguesia apareceu um machado pré-histórico, cuja gravura publicou; é de bronze, com duas asas.

Pedro do Vale, natural desta freguesia, foi para o Brasil, tendo sido ali cobrador dos quintos no tempo de D. João V, e voltou ao reino riquíssimo, cavaleiro da Ordem de Cristo.

D. António de N. S.^a Delgado, abade de Creixomil, foi um dos benfeitores da Santa Casa da Misericórdia de Barcelos, onde tem o seu retrato.

Em um artigo publicado em «Barcelos-Revista», volume II, n.º 15, assinado por W, se diz que *Filipa Borges*, filha de Martim Borges, natural da freguesia de Creixomil, termo de Barcelos, casara com Luís Vicente, filho de Gil Fernandes, natural de Guimarães, onde exercia o ofício de ourives, e deste casamento nascera em 1475 o bem conhecido poeta Gil Vicente.

Uma vereação municipal confirmou esta asserção, dando o nome de «Filipa Borges» à rua ou estrada que atravessa a parte urbana da vila em direcção a esta freguesia.

Não conhecemos documento algum que nos leve a seguir a opinião que Filipa Borges fosse do Creixomil de Barcelos, quando é certo que ela tinha outro Creixomil junto aos muros de Guimarães para nascer e o ourives daquela vila, ali à porta de casa, mulher para casar.

Com isto não queremos, porém, de forma alguma, tirar a Gil Vicente a costela barcelense, nem à freguesia de Creixomil a glória de ser o berço da mãe daquele insigne poeta.